

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ
Redactor principal—CARLOS JOSÉ DE SOUSA
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho
Editor—Carlos Maria Coelho



FORÇA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA
ANO V—Número 1.472
Quarta-feira, 12 de Setembro de 1923
PREÇO — 20 CENTAVOS

Redacção, Administração e Tipografia
Calçada de Cobre, 38-A, 2.º — Lisboa — PORTUGAL
TELEFONE—5339-C
Officinas de impressão—Rua da Alameda, 114 e 115

Há 18 meses que dura a
sindicância à polícia. Há sin-
dicâncias que asseguraram a
perpétua impunidade...

NOVO CRIME?

A paz mundial ameaçada por Mussolini
O espectro da guerra

O horizonte internacional parece-se apagar. Certamente ainda não se apagaram os funestos resultados de uma conflagração europeia desencadeada na vida dos povos nos anos de 1914-1918, em holocausto à alta finança, comércio e indústria.

A burguesia há anos que se debate numa verdadeira agonia, porque desorganizou toda a vida económica das sociedades. Os seus interesses antagonísticos vieram à supuração, as manifestações guerrilheiras não se puderam reprimir.

A ocupação do Ruhr, pelas tropas francesas, e que era uma aspiração dos metalúrgicos da França, ia desenvolvendo uma guerra, que se evitou porque a talhada era de difícil divisão e todos se encontravam dispostos a reaver a sua parte!

A luta de resistência contra o invasor prolongou-se, deixando na sua passagem alguns laivos sanguinolentos, que atestarão às massas proletárias os crimes do capitalismo.

Agora, porque perto de Janina, fossem assassinados três membros duma missão militar italiana, Mussolini mascarado de Napoleão, exigiu à Grécia uma rápida reparação do facto, fazendo desembarcar as suas tropas em Corfú, o que representa uma declaração de guerra à população helénica.

Nesta tragédia não é fácil prever qual o resultado, porque deste degladiar de ambições, cada um dos contendores deseja o seu predomínio no mar Adriático. E daí que existe a rivalidade entre a Itália e a Grécia, procurando o momento de se eliminarem mutuamente. O desrespeito dos tratados e a instabilidade das fronteiras dava a ambas motivações frequentes de revelar as suas desmedidas ambições.

As hostilidades estão suspensas entre os dois países, e se o conflito não se solucionar a contento da camarilha diplomática-financieira, os povos serão arrastados, inevitavelmente ao matadouro humano — a guerra!

A guerra é uma monstruosidade que repugna e que tem de ser combatida por todas as crias.

turas de coraço! «A guerra autoriza a perfídia, consagra a brutalidade, agalga a indolência eterna o ódio, premeia o roubo, coroa a matança, organiza a devastação, semeia a barbarie, assenta o direito, a sociedade, o Estado no princípio da opressão, na onipotência do mal».

A guerra é a lei do fratricídio que nos leva a combater a porque somos contra o assassinato legal defendido pelo militarismo!

Sim! Somos contrários aos manejos guerreiros e a nossa atitude será de verdadeira oposição a esse conflito. A nossa acção é em benefício das classes trabalhadoras, seja qual for a sua nacionalidade, desejando o seu progresso moral e o desaparecimento da exploração do homem pelo homem. Não nos inclinaremos ao lado de qualquer dos beligerantes, antes os combateremos.

O momento é de acção e de energia, por isso devemos reagir, e entendemos que muito acima dos governantes e dos diversos grupos económicos, financeiros e industriais, corvos detentores dos Estados, estão os trabalhadores, aos quais nos dirigimos para que não colaborem nesse crime que se procura perpetrar.

O que entendemos e faremos a diligência é de avisar às massas operárias e rurais as consequências desastrosas da hecatombe que assolou a humanidade há anos, e que as suas feridas ainda sangram do sacrifício inútil, em benefício de pátrias fictícias, que a imprensa em grossos caracteres hipócritamente apresenta!

O que entendemos dizer e achamos necessário é que a Sociedade das Nações tem dado provas da sua inutilidade — como padroeira da paz — e que custou à humanidade quinze milhões de cadáveres e outro tanto de mutilados! E Mussolini recusando a sua arbitragem consagrou-lhe o seu fracasso definitivo.

O que entendemos é que o proletariado deve preparar-se para impedir que uma nova guerra ensanguente novamente a Europa, acompanhada da sua comitiva horrenda de fome, peste e morte!

NOTAS & COMENTÁRIOS

Desconhecido concedido

A república, com o largo gesto de quem arroja milho a galinhas, distribui a torto e a direito, condecorações. E uma chuva intermitente a que raras se furtam porque a vaidade de ser condecorado, resiste ao ridículo e à vulgaridade das condecorações. Ante-ontem foi a esposa do presidente da república quem foi atingida por uma condecoração. Ontem o prestante cidadão João Antunes Baptista foi premiado com o grau de comendador da ordem de Cristo. Quem será o prestante cidadão Baptista?

Política

A política vai apresentar um novo aspecto — novo aspecto de desordem, entenda-se. Regressa a ela o sr. António José de Almeida, vindo da presidência da república e o dr. Afonso Costa vindo em breve de Paris. A serem verdadeiras estas afirmações, de facto parecem-se-las, a arena política vai alargar-se, vai dar o estranho espectáculo de se degladiarem dois homens que tem passado quasi toda a sua vida, hostilizando-se. João Chagas também regressa de Paris e vai meter-se na vida pública. Vai aumentar a desordem, pela certa.

Coincidência

Temos verberado o desprêzo que o Estado consagra ao Bairro Social do Arco do Cego, desprêzo que ameaça originar a desaparecimento dos milhares de contos que valem os edifícios que lá estão quasi concluídos. Apontámos a existência do sr. Inácio Freire Pimentel atribuindo-lhe justamente a função de cozeiro do aludido bairro. Ontem, um jornal da noite publicava uma entrevista com o ministro do Trabalho na qual se afirmava que dentro em breve iria recompor-se a construção do bairro que tinha sido há anos interrompida. Singular coincidência!

Grande Comissão Pró "A Batalha"

Além de se apreciar o ofício enviado pela direcção do Sul e Sueste e assentar trabalhos definitivos sobre a excursão a Setúbal reúne hoje, em assembleia geral, oas 20 horas, esta Com. são.

Pão caro e mau

Dizemos ontem que no Seixal o pão não só encareceu mais 50 por cento como ainda é de pior qualidade que anteriormente.

Sucedeu ainda sentir-se em alguns dias a falta daquele alimento indispensável, porque é fabricado em menor quantidade.

A Moagem faz o que entende em prejuizo de toda a gente. Mas assim o quer o ministro da Agricultura.

Vieram ontem mostrar-nos um bocado de pão do de 1920, que é mal fabricado e contém uma centopeia ou coisa parecida. Foi comprado numa padaria independente da rua Estevam de Vasconcelos.

Todos se congregam para nos explorar e envenenar.

Prisões arbitrárias

Um novo convite à valsa...

Por nada também se apurou contra ele, foi ontem restituído à liberdade, depois de 46 longos dias de cativeiro na esquadra do Caminho Novo, na Torre de S. Julião e no Governo Civil, o operário Amadeu Carlos das Neves.

Os nove últimos dias de prisão passaram-se incommunicavel nos quartéis do Governo Civil, não tendo também escapado às tentativas de suborno por parte da polícia, pois no dia seguinte ao da fuga de alguns presos de S. Julião da Barra, tendo ido a esta fortaleza os agentes Almeida, Araújo e Filipe, este último, ao interrogá-lo, propôs-lhe que lhe revelasse, em troca da liberdade e duma avultada quantia, a maneira como se efectuara a evasão e o local onde se encontravam os fugitivos.

Ainda desta vez, porém, os esforços policiais não conseguiram recrutar um novo António Duarte.

Na Terra Nova

Uma vítima do encalhe

Do «Carvalho Araújo»
Devido às contusões sofridas quando do encalhe do cruzador «Carvalho Araújo», nos bancos da Terra Nova, faleceu no hospital de S. João o contramestre do referido navio, Augusto José Vieira.

OS GRANDES DETECTIVES UM ATENTADO CONTRA O CHEFE DO GOVERNO?

Curiosas revelações cinematográficas do jornal «A Tarde» — Sherlock Holmes «Malhado» — «A Papoula Vermelha» e o homem das flechas envenenadas

As três prisões efectuadas anteontem no Terreiro do Paço e à hora em que o automóvel do chefe do governo estacionava sob a arcada do ministério do Interior, serviram para o entrecenho dum atentado. O sr. António Maria da Silva fica, pois, na gratidão eterna de bem acarinhado. Sherlock Holmes de Almeida «Malhado», que averiguou que três indivíduos se preparavam para um atentado.

Lemos cuidadosamente os jornais vespertinos de anteontem e os matutinos de ontem. Todos eles, pondo de banda a disparidade das narrativas em que a imaginação se esparrinha à vontade, são concordes num ponto. E' em afirmar que os três indivíduos presos estavam numa atitude suspeita.

Em que consistia essa atitude para se tornar suspeita a Sherlock «Malhado»?

Dizem os jornais que eles estavam no Terreiro do Paço. E mais não adiantam ou adiantam talvez a fantasia que neles usa lugar comum e se antepõe à verdade.

Foram presos por terem e boação algum gesto agressivo donde se pudessem concluir a intenção dum atentado contra o chefe dos actuais ministros?

Não. Apenas porque «Sherlock» deles suscitou; caíram nas malhas da policia devido a uma série rápida de deduções do sr. Almeida Holmes «Malhado».

O sindicalismo e o fascismo na Itália

Os sindicatos italianos que, desde a guerra, se desenvolviam magnificamente, tiveram de sofrer prodigiosamente com o fascismo. As brutalidades que os sindicalistas não fascistas sofreram são suficientemente conhecidas para que seja preciso descrevê-las. Era precisa uma coragem heroica em certos sítios para se ficar fiel no seu sindicato. Foram obrigados pela violência a ingressar nos sindicatos fascistas, muitos dos que tinham ficado de coração ligados às suas antigas organizações e que para lá voltaram logo que o reinado da força tiver cessado. Apesar da impotência momentânea do sindicalismo italiano, é preciso não desesperar do seu futuro.

Esta situação difícil levou a Central Sindical Italiana a convocar em Milão, em 23 e 24 do p. m., uma conferência das União e Câmaras de Comércio locais com o fim de se discutir sobre a tática futura a adoptar e tomar posição ante o governo fascista do ex-socialista Mussolini.

Mussolini, depois que as horas dos seus partidários reduziram à impotência os sindicatos de fendas socialistas, procurou entrar em relações com certos dos seus dirigentes, declarando-se mesmo disposto a dar-lhes um lugar a alguns de entre eles, no seu ministério. Houve troca de vistas entre Mussolini e o secretário geral da Central Sindical, de Aragone.

Certos dirigentes pareciam ter a ambição dum fauleit ministerial, se bem que não pudessem haver dúvidas de que eles tinham representado um papel mais lastimoso ainda do que os outros ministros que não são outra coisa além de subordinados do ditador.

A Conferência discutiu a fundo a situação, o que fez revelar opiniões bem opostas. A resolução adotada não é das mais claras. Ela declara-se de acordo com a atitude assumida até aqui pela Central; exprime-lhe a sua confiança e confirma a declaração já feita de ficar absolutamente independente de qualquer partido político. Não tomará atitude especial a respeito do governo. A sua atitude dependerá da subsequente maneira de agir dele.

Lêr na 4.ª página:
Agenda de «A Batalha»

NO PORTO

Uma explosão que origina

3 mortes

Deu-se ontem no Porto, na sede do Centro Republicano Radical, à Avenida Saraiva de Carvalho uma explosão de dinamite. A explosão deu-se quando se procedia à manipulação de bombas tendo nela perecido três indivíduos.

Na sede do referido centro foram apreendidas várias bombas e cerca de 22 espingardas.

Os indivíduos presos negam terminantemente a acusação que os levou para o governo civil. Em que se baseiam os jornais para seguir as pégadas «Almeidas», afirmando tratar-se de um malogrado «complot»? Penalizamos não o sabermos, pois perdemos assim, talvez, a mais maravilhosa das oportunidades para elevar às nuvens o tal Sherlock Holmes que traduzido por português com recheio de calão dá «Almeida-Malhado».

Atentado ou «Malhado»? Entre as duas coisas, hesitamos. Nem uma nem outra os factos confirmam. As três prisões, por enquanto, nada revelam a não ser que elas foram efectuadas por iniciativa do rei da policia e da descoberta.

A «Tarde», porém, que parece estar na posse dum dedinho que tudo advinha, já tudo descobriu. A juvenil folhinha ultrapassa o «Malhado» e como sabe gramática, e dizer palavras e com elas amassar artigos duma certa factura literária, passa à frente do «Malhado», deixa-o mesmo a perder de vista.

Assim esse jornal descobriu a existência duma alma danada da confusão nacional que incita à prática de atentados. Não julgamos que a alma danada seja uma alma do outro mundo onde parece não existir em medidas anti-rápidas.

A alma é deste mundo e tem a sua

Dos livros e dos autores

«EÇA, FIALHO E AQUILINO» — ensaios de crítica e arte por Correia da Costa

Correia da Costa procedeu acertadamente encaminhando a sua carreira literária para a crítica, uma das modalidades que, na arte de escrever, mais necessária é e mais se faz sentir em Portugal.

E digo que procedeu acertadamente porque o seu livro recente, ensaios de crítica e arte sobre «Eça, Fialho e Aquilino», assim como outros artigos dispersos que tenho lido com o devido interesse, me inculcam o novo escritor como possuidor de qualidades para vir a ser um dos críticos de que se carece.

Temos em Portugal alguns belos produtores, magníficos jornalistas, imensos poetas, mas pouquíssimos críticos. Em boa lógica, há que notar que a feição crítica, feita de serenidade, observação, estudo e método, não é a característica da literatura portuguesa elevada de contemplativismo e sentimentalidade sensuosa onde os motivos vivem mais da emotividade de cada um, do que da lógica e inteligente sequência de factos que a vida requer. Um pouco por esta razão e também pelo facto de se considerar, erradamente, no jornalismo a crítica como função muito secundária e quasi sempre mal remunerada, não existe aquela acção da crítica tão necessária como correcção e ensinamento ao autor e orientação do público.

Porque ser crítico não é o fazer-se uma simples crónica de impressões onde, sistematicamente, se elogia o amigo ou bate no adversário, nem transigir, por cobardia, com asneiras do pior calibre, ou armar em mata-morta para ser temido, mascarando, assim, uma insuficiência mental, uma audácia desleal, uma ignorância ilimitada.

Ser-se crítico é ter o poder, a serenidade, para apagar a própria personalidade, com todas as suas emotividades e predileções, para observar em todos os aspectos o valor duma obra, a sua riqueza artística, a sua influência moralizadora, a sua pretensão social, e tudo isto saber revelar ao público, esclarecendo intenções, cotejando valores, ampliando atitudes, mais com saber documentado, com uma serenidade transcendente, com correcção e apurmo de molde a que a critica não perca o seu grande destino.

Correia da Costa parece compreender aquela acção da critica e — aparte uma exuberante exaltação — pouco lhe falta para exercê-la com distincção — desde a cultura de espirito, que constantemente vai enriquecendo, até às qualidades de independência que devem ser o linde de quem faz critica.

O seu livro «Eça, Fialho e Aquilino» é um belo trabalho, indispensável a estudantes dos que estudam questões literárias, mormente daquela literatura que diz respeito aos nossos valores mais representativos como são os autores estudados.

Acresça da obra de Eça de Queiroz preocupação especialmente com as «Lendas dos Santos», aspecto pouco tratado pela critica, concluindo que essas páginas do autor de «Os Maias» são das mais perfeitas não só como estilo, mas também como tuncão espiritual, espécie de contrição ao livre romantismo do sr.

Sobre esse ponto, embora como rde em que é lapidada a perfeição construi-

existência localizada em Portugal. «A Tarde» tem sobre ela subtilíssimos detalhes. Por eles ficamos habilitados a saber que se trata dum personagem mascarado de bom patriota. Quem será essa figura sinistra de carnaval de Grand-Guignol? O nome desse neto de Rocabombe? Para o não dizer — «A Tarde» prefere tornar-se cúmplice, encobridor para não ir até à delação — recorre a um «estratagemma» que já foi em film no Olimpia. O personagem oculta-se na sombra. Só os seus olhos felinos o descobriam. Não tivesse esse jornal olhos de gato e ficaríamos ignorando que o tal misterioso personagem despedia flechas envenenadas. A curare? Naturalmente «A Tarde» não revela a qualidade do veneno porque ele está oculto na sombra das flechas.

Além do homem das flechas envenenadas, há ainda os telegramas em cifra de Lenine. Este, manda de Moscova as ordens para os atentados com alguns milhares de rublos adstritos. Depois de Lenine há ainda a C. G. T. que formou um núcleo encarregado de fazer atentados. Tudo isto para atentar contra uma papoula. Assim classifica «A Tarde» o sr. António Maria da Silva. Afinal o atentado era contra uma flor silvestre visto ser uma papoula quem preside aos actuais ministros. Concordemos que era um lindo nome para film. «A papoula vermelha».

O carvão

continua faltando

A falta de carvão tornou-se um hábito. Consequência lógica: a bicha tornou-se uma instituição. Os culpados da falta ainda não estão na cadeia. Nem estarão. Viva a impunidade para os assambarcadores. Está com eles Deus, o chefe do governo, o regime.

E as bichas que se eternizam. Todos os dias mulheres passaram intermináveis horas em longas fileiras, aguardando um ou dois quilos de carvão que não é carvão é cisco — e cisco molhado.

A insolência dos carvoeiros não conhece limites. Os fregueses, que agora formam bicha, estão à sua porta, na postura vexatória e humilde que noutros tempos assumiam os escravos diante dos senhores.

As medidas do commissariado dos abastecimentos nenhum valor positivo encerram. Essas medidas não passam de pedação de papel e de punhados de poeira.

Os negociantes criaram a falta de carvão para lhes aumentar o preço. O commissariado não concorda, mas deixa-lhes liberdade para estes poderem provocar a falta desse combustível.

O carvão que ao principio de ser provocada a sua escassez, ainda existia em grandes quantidades nas estações do Barreiro e Santa Apolónia já nem sai da origem. A não ser para ir para o Porto onde ele existe em abundância. Para Lisboa — o carvão continua faltando. Assim o desejam os assambarcadores e são estes quem tudo pode, quer e manda.

Informam-nos que no armazem regulador do Terreiro do Trigo a venda de carvão é feita conforme a vontade do respectivo encarregado, fechando a porta mais cedo do que manda o regulamento e fazendo sair carvão por outra dependência.

Para evitar possíveis dissabores, será bom que se modifique o procedimento do encarregado.

Julão QUINTINHA

A SOCIEDADE DAS NAÇÕES EM CHEQUE

A EXPERIÊNCIA DE CORFÚ

Quando Poincaré, violando o tratado de Verselhes (como se este não fosse inspirado na mais tenebrosa das concepções), punha os seus exércitos em marcha para o Ruhr, quando nós denunciávamos esta politica à classe operária; então que sem condições nem reserva, nos dirigíamos a Essen para preparar, de acordo com o proletariado internacional, uma opposição directa e concertada às pretensões do imperialismo francês, a velha C. G. T., embalada pelas suas ilusões, contentava-se com manifestar o seu desejo de que o conflito do Ruhr fosse levado perante a Sociedade das Nações.

Decepções que ela tinha registado por parte do «Bureau» Internacional do Trabalho, não lhe bastavam ainda.

De facto, não se ignora que o «Bureau» de Génova (essa «Central de energias») recebeu alguns «cheques» retumbantes: de uma vez é o governo de Espanha que ameaça suspender as suas cotizações se o «Bureau» persistisse em querer ocupar-se de certas questões legislativas concernentes à classe operária; uma segunda vez foi o governo francês que interdisse ao sr. Alberto Tomás, presidir em Paris a um banquete do Bloco das esquerdas.

O «Bureau» Internacional do Trabalho inclinou-se perante estes «ultimatus»; subvencionado pelos governos capitalistas, e instituído sobre bases igualitárias, está completamente subordinado às potências que lhe dão vida e que o compõem, e cada vez que pretende ultrapassar os limites duma legalidade internacional estabelecida em proveito dos capitalistas, depara com a ameaça duma ruptura ou duma suspensão de cotizações.

E' a falência mais característica que é possível registar no campo da luta económica.

Chega agora a vez da Sociedade das Nações; assim como se tinha confiado no «Bureau» de Génova para resolver os conflitos do trabalho, os dirigentes confederados confiavam na Sociedade das Nações para resolver os conflitos políticos do mundo capitalista.

Só quem fosse muito ingenuo acreditaria por um momento na harmonia que era possível existir numa sociedade baseada em antagonismos de interesses; para crer no respeito mútuo do Direito internacional e na virtude dos princípios, ditos democráticos, por detrás dos quais se abrigam os cabeceiros do imperialismo mundial, A Sociedade das Nações não podia solucionar o conflito provocado pela ocupação do Ruhr.

A ocupação do Ruhr que lançou fogo ao rastilho da diplomacia europeia, que levantou a Inglaterra contra a França e a Bélgica, a Bélgica e a França contra a Alemanha, transformou as deliberações da santa assembleia na maior das confusões.

Não são o sentimento, a virtude ou a razão que orientam os homens de negócios da burguezia, é, antes de mais nada, o interesse das sociedades financeiras e industriais que eles representam.

Não creio que os homens da velha C. G. T. sejam tam ignorantes que ignorem as forças que impellem as sociedades capitalistas para o abismo depois de terem levado os homens ao massacre, para que seja preciso insistir detalhadamente sobre a falência do seu programa estabelecido sobre o bom senso dos governantes.

Mas um facto recente, extremamente grave, esclarece na hora presente toda a extensão desta falência; Mussolini, ditador de Itália, depois de ter destruído

as organizações revolucionárias e neutralizado as reformas do seu país, acaba de imitar Poincaré. Também ele vem de encucar-lhe os ombros da Grécia, porque dois ou três portadores de espada a seu sôdo foram assassinados na fronteira greco-albanesa.

Sem detença, arremessa os seus navios de guerra contra a ilha de Corfú, bombardeia cidades, massacra crianças e desembarca as suas tropas, invocando a honra da Itália, o Direito e a justiça.

A França de Poincaré aplaude; a Inglaterra toca a rebate; Mussolini mobiliza; a Bulgária apronta as suas armas enquanto que a Grécia espera da Sociedade das Nações a solução do incidente.

Bem pode ela esperar!

Tal como em 1914, os Balcanos tornaram-se num vulcão que pode àmanhã fazer saltar toda a Europa.

Alguns espiritos tranquilos preconizam como remédio supremo, mandar queimar velas por intenção da Sociedade das Nações! Os dirigentes da velha C. G. T. são desse número; os novos arcanjos do Bloco das esquerdas são-no também.

A Sociedade das Nações? E' a França, é a Bélgica, a Inglaterra, a Grécia e a Itália capitalista! E' Poincaré, Thénais, Lord Curzon e Mussolini!

E' o conjunto dos piratas que há longos meses brincam cada um por seu lado sobre o dorso do proletariado mundial.

«Bluff» e duplicidade! Ilusão criminal! Que queires vós que faça a Sociedade das Nações?

Tanto mais que Mussolini, embriagado pelos seus êxitos contra os revolucionários italianos, e não tendo fôsenão na violência, acaba de a declarar incompetente e recusa de antemão o seu «votredictum».

Ele põe assim em evidência esta verdade primária que os nossos pacifistas da Social esqueceram: No meio dos antagonismos de interesses que regem as forças e as classes da sociedade, é a força que rege o direito.

Depois da falência do «Bureau» Internacional do Trabalho, a falência da Sociedade das Nações — uma arrastando a outra — vem de explodir, irremediavelmente, como um escândalo.

Possa ela abrir os olhos aos proletários assas confiantes para serem relegados, até aqui, às instituições sociais democráticas o cuidado de resolver os conflitos de trabalho e os conflitos guerrilheiros de que são vítimas.

A experiência de Corfú deve servir de prelúdio ao reagrupamento total das forças operárias sobre o terreno da oposição e da acção de classe no conjunto do mundo operário.

A perspectiva dum novo conflito mundial vindo juntar-se aos acontecimentos do Ruhr, à perspectiva duma revolução alemã, devem abrir um campo largo à tática da frente única que há muito tempo preconizamos, aguardando a reconstrução da unidade sindical.

Para servir de base à unificação dos esforços operários retomemos pois uma vez mais as fortes palavras de Fimmen: «A Sociedade das Nações é impotente»; é pela luta, é pelos meios ainda os mais violentos, é pela revolta nacional e internacional que nós faremos face aos acontecimentos e que nós nos salvaremos».

G. MONMUSSEAU
(De La Vie Ouvrière)

O operariado na Austrália

Estando milhares de operários imigrantes iludidos continuamente expostos a cruéis decepções no mercado do trabalho australiano, sem a menor garantia de ocupação estável, decidiu o partido operário australiano, em colaboração com os diferentes conselhos de operários da Austrália, estabelecer depósitos de operários imigrantes em todas as cidades do país para a sua recepção e sua informação. A tarefa destes depósitos será:

1.º) Enviar regularmente, às organizações operárias de além-mar, informações estatísticas sobre o estado do mercado do trabalho na Austrália e a paralisação deste.

2.º) Pôr-se em contacto com os operários emigrantes à sua chegada e informá-los das condições de trabalho das diferentes profissões.

3.º) Criar um «dormitory-house» onde todos os emigrantes que tiverem sido enganados pelas autoridades encarregadas da emigração, que tiverem sido mal pagos ou maltratados pelos seus patrões poderão reunir-se, organizar-se, levar o seu caso perante a opinião pública por meio da imprensa e informar disto as respectivas organizações de além-mar.

4.º) Criar um centro onde os sindicatos australianos esmagados pela avalanche de emigrantes poderão dirigir-se com o fim de fixar os caminhos ou meios capazes de impedir esta invasão de emigrantes, das suas profissões particulares. — (Da F. S. I.)

Sinistro marítimo

PARIS, 11. — O «New York Herald» noticia que o vapor americano «Cuba», ex-vapor alemão «Coblentz» de 3.200 toneladas deu à costa em Los Angeles. Salvaram-se todos os passageiros. Quatro torpedeiros americanos empunharam-se em o salvar, mas dois deles perderam-se nesse trabalho e considera-se o navio também perdido.

Nas oficinas gerais da C. P.

Agentes com 25 e mais anos de casa demitidos. O desrespeito ao horário de trabalho

É tal a fúria do já citado engenheiro Sequeira contra o pessoal que está sob as suas ordens ditatoriais, que nem sequer atende os que dentro da Companhia, tem deixado o melhor do seu esforço, alquebrados por um intenso labutar de duas ou três dezenas de anos, sem regalia alguma das que a restante classe usufrui, constantemente perseguidos e não considerados, até, ferroviários!

Com dois dias de casa, o engenheiro julga-se no direito de castigar aqueles que durante tantos anos, vem desempenhando toda a sua energia para a Companhia arrecadar nos seus cofres centenas de contos. Há operários nas oficinas gerais que, tem tanto tempo de casa, como de idade o sr. engenheiro, sem que sofressem alguma vez, a não ser agora, qualquer castigo mais áspero.

Bastava este facto, visto que pelas oficinas gerais tem passado muitos engenheiros com tanta competência ou ainda mais do que o do sr. Sequeira, para este se não arrojar a cometer a série de castigos com que presentemente os fazem, com o seu esforço, progredir continuamente a Companhia, escusado seria portanto, aparecer mais este despota, porque muitos já existem, escolhidos como são para o serviço da mesma empresa, simplesmente com a missão de proceder como o actual engenheiro das oficinas gerais procede.

Assim, já não é a primeira vez que a um fútil pretexto suspende quem tinha já o direito de exigir um reparador de descansa à sua abalada saúde, devido não só à violência do seu trabalho exercido desde tenra idade, como ainda pelos sofrimentos morais sofridos.

Não satisfeito com essas suspensões, demite creaturas já idosas, como há dias fez a um empregado com 27 anos de casa, por o mesmo ter cessado o procedimento dum outro que estava traçoando o movimento pró-barata-mento do pão!

O mesmo engenheiro é quem põe e dispõe também sobre a aplicação de horário de trabalho nas mesmas oficinas, suspendendo imediatamente quem se recusa a fazer horas suplementares, como se tivesse autoridade para se intrometer na vida particular de cada agente e podesse desrespeitar tam descaradamente o respectivo decreto que é bem explicito neste sentido.

Precedendo acobertar-se com os respectivos contratos de trabalho, violentamente impostos ao pessoal, após o movimento grevista de 1920, em que aquele foi vencido, e não por acôrdo mútuo, eles no entanto não dão margem, nem podem dá-la é claro, ao atrofamento do horário dum forma destas. Solisma, portanto, os referidos contratos, substituído até os verdadeiros, por outros ultimamente elaborados e que naturalmente desejam impor um período breve.

Este assunto, dos mais importantes para o pessoal, está sendo tratado devidamente pelas Comissões, reunindo hoje o pessoal na sede do seu Sindicato, onde a questão será devidamente debatida.

PELAS COLÓNIAS

Caminho de ferro de Marracuene

Tendo-se concluído a linha do caminho de ferro até Marracuene (Mocambique) os comerciantes e agricultores de Marracuene e de Nanhica, enviaram ao governo uma petição para que o referido caminho de ferro de acesso às proximidades do Mercado Municipal fizesse-se uma estação no Pântano e que sejam utilizados os barracões que existem no antigo campo de concentração dos prisioneiros alemães, para depósitos de mercadorias e pedindo também para que na linha de Marracuene se faça um desvio até às proximidades do rio, pois assim as lanchas poderiam facilmente fazer o transbordo dos produtos frescos, que muitas vezes têm de ser lançados ao mar, devido a demoras nos transportes.

Transferências de funcionários

Foi determinado que as transferências de funcionários civis ou militares na província de Moçambique só se efectue por conveniência de serviço devidamente autorizada pelos directores de serviço que desenvolvam informação ao governo da colónia da conveniência dessas transferências. Quando for o pedido dos funcionários, estes terão de pagar à sua custa os transportes e não receberão ajuda de custo.

Agências de Angola e Moçambique

No prédio da rua da Prata que foi adquirido pelo governo de Angola, estão sendo feitas as respectivas instalações para a Agência Geral daquela província. Como a Agência talvez não venha a necessitar de todas as dependências do referido prédio, é possível que venha ali instalar-se também a Agência Geral de Moçambique.

Agredida pelo namorado

Den entrada no hospital de S. José, Mercedes Soares, de 18 anos, moradora na rua de S. José, 197, 3.ª, que ontem, em Algés, onde se encontrava veraneando, foi agredida com um tiro pelo seu namorado.

"A NOVELA"

Deve sair no próximo dia 20 do corrente uma interessante publicação semanal intitulada "A NOVELA" que inserirá em todos os números um romance cinematográfico, literário e policial etc., assunto novo entre nós pela forma como vai ser lançada ao público.

Leit-a o jornalista e poeta sr. Mário Salgueiro, que está escrevendo uma interessantíssima novela regional "O Crito da Morte".

"A NOVELA" publicará também páginas de sport, modas e bordados, literatura, infantil e música etc.

TEATRO APOLO

— HOJE —

O impressionante drama português

A Lei dos Morgados

onde a distinta actriz Maria Matos interpreta a protagonista.

Na União Fabril

Os operários são sujeitos a um regime tirânico

Recebemos a seguinte carta:

"Camarada redactor.—Recebo a Batailha, como lido defensor dos oprimidos, para que se torne público o despótico regime a que são submetidos os operários da Companhia União Fabril, tomando para exemplo o que se passa na fábrica das Fontainhas.

Nesta fábrica, á frente de cada uma das várias secções de serviço só pôde estar quem seja cínico e carrasco, pois de contrario será desviado do lugar que ocupa e cai no desagrado da gerência.

De sorte que humanidade é coisa desconhecida dessas criaturas, entre os quais se destaca um tal sr. Gameiro, um ex-padre dotado da mais requintada maldade e da mais intolerável grosseria. É encarregado ou coisa parecida da oficina de sabão.

Uma insignificante infracção que um operário cometa é o bastante para este cavalheiro o suspender, perseguir e demitir, quando não o obriga a despedir-se com os improperios que lhe dirige.

Seria conveniente que o gerente da fábrica obrigasse estes insuportáveis mandões a terem mais comedimento na maneira de tratar os operários, pois os tempos que correm não são propícios a escravaturas.

Tem a palavra o pessoal da C. U. F., se porventura a mordida não os impede de gritar a sua revolta contra a tirania de que são vítimas.—Francisco dos Santos, ex-operário da C. U. F.

Classes que reclamam

Metalúrgicos do Poço do Bispo

Para tomar deliberações sobre a reclamação de aumento de salário, são convocados a reunir hoje, pelas 20 horas, na respectiva Secção, rua da Marvila, 37, 1.ª, todos os delegados das oficinas metalúrgicas da área do Poço do Bispo.

Operários ferradores

Reuniram ontem conjuntamente as comissões administrativa e de melhoramentos que se ocuparam da reclamação a fazer de 8800 e 9800 sobre os actuais salários, que são de 11800 e 12800.

Desoarragadores de Mar e Terra

Reuniram esta classe para, entre outros assuntos que noutro lugar relatamos, apreciar a resposta dada pela Associação dos armadores á reclamação de aumento de salário, resolvendo que se mantenha o pedido de 50 0/0 e aguardar o momento oportuno para se conseguir que o mesmo seja atendido.

Também reuniu a secção de descargas de peixe, resolvendo reclamar um aumento de 90 0/0 e nomeando uma comissão para encetar "demarches" junto dos industriais.

S. U. Metalúrgico de Lisboa

Com regular concorrência e em conjunto com a comissão de melhoramentos, reuniram ontem os delegados das fábricas e oficinas para apreciar a circular sobre aumento de salário a enviar aos respectivos industriais.

Tendo sido devidamente discutida e apreciada, resolveu-se que todos os delegados, especialmente os que tem faltado às reuniões, vão hoje á sede do Sindicato munir-se das circulares afim de as fazer chegar ao seu destino.

Da comparação dos delegados sairá a demonstração clara do estado precário em que se encontra a classe, estando esta certa que os industriais não lhe negarão o incontestável direito á vida.

Fazendas para homem e senhora

Vende VIRGILIO ARRAIANO

COVILHÃ

A venda de bilhetes na estação do Rossio

No intuito de facilitar a aquisição de bilhetes para os comboios de longo curso e acabar com a costumada "bolsa" nas bilheteiras do Rossio, a C. P. resolveu que a venda de bilhetes para os comboios rápidos seja feita em bilheteiras especializadas para esse efeito, realizando-se noutras bilheteiras a venda para os comboios omnibus, isto é, para os restantes comboios da grande linha.

Nos respectivos "guichets" estão indicados os comboios para os quais as bilheteiras são especializadas.

Agredida pelo namorado

Den entrada no hospital de S. José, Mercedes Soares, de 18 anos, moradora na rua de S. José, 197, 3.ª, que ontem, em Algés, onde se encontrava veraneando, foi agredida com um tiro pelo seu namorado.

"A NOVELA"

Deve sair no próximo dia 20 do corrente uma interessante publicação semanal intitulada "A NOVELA" que inserirá em todos os números um romance cinematográfico, literário e policial etc., assunto novo entre nós pela forma como vai ser lançada ao público.

Leit-a o jornalista e poeta sr. Mário Salgueiro, que está escrevendo uma interessantíssima novela regional "O Crito da Morte".

"A NOVELA" publicará também páginas de sport, modas e bordados, literatura, infantil e música etc.

AS GREVES

Pessoal da Exploração do Porto de Lisboa

Reuniram ontem em assembleia magna, para apreciar as resoluções dos armadores, resolvendo não as aceitar em virtude de ir organizar, de acôrdo com o pessoal uma empresa que ofereça maiores garantias do que aqueles. A classe volta a reunir hoje, ás 17 horas.

Corticeiros da fábrica Cabeçadas & C.ª, Limitada

Reuniram conjuntamente o pessoal das outras casas da área de Belém e, depois de o delegado á Federação da indústria ter comunicado as resoluções tomadas por este organismo, foi resolvido que prossegam na greve enquanto o industrial não atender ás suas reclamações.

Foi verberada com indignação a atitude de alguns corticeiros que não concordam com este movimento, absolutamente justo e lógico.

A direcção do sindicato de Belém exorta os operários em luta a continuarem afirmando a sua dignidade e consciência e convidando todos os componentes da classe na área a comparecer á reunião que amanhã se realiza, ás 20 horas precisas.

As tarifas ferroviárias

Vão ser aumentadas

Atendendo os pedidos das empresas ferroviárias particulares do continente e conformando-se com o parecer da Junta Consultiva de Caminhos de Ferro, o ministro do Comércio assinou ontem uma portaria autorizando-as a elevar até 600 por cento a sobretaxa de 500 por cento actualmente em vigor, mantendo-se as isenções para os generos de primeira necessidade, nos termos do artigo 1.º do decreto n.º 7959, devendo o aumento proveniente desta nova elevação da sobretaxa ser exclusivamente aplicado á melhoria da situação do pessoal.

De qualquer saldo que se verifique existir, não poderão as ditas empresas dispor sem expressa autorização do governo.

Os que morrem

FUNERAIS

Faleceu, após doloroso sofrimento, a sr.ª D. Júlia Rosa da Silva, esposa do sr. António Gil da Silva, empregado na casa Leitão & C.ª.

O funeral realiza-se hoje, saindo o préstito fúnebre, ás 13 horas, da rua do Sol a Santa Catarina, 82, 2.ª, para o cemitério do Alto de São João.

DESPORTOS

HIPISMO

As corridas de Cascais

Realizam-se nos dias 23, 27, 29 e 30 do corrente e em 5 e 7 de Outubro, as grandes corridas de cavalos no hipódromo de Cascais. Estas grandiosas diversões desportivas tem este ano ainda maior interesse do que nos anos anteriores em que já foram como todos recordam, um indistincto sucesso. E grande o número de cavalos novos que correm, sendo a importância dos prémios de 32.000\$00.

Em cada dia haverá cinco corridas. O programa que publicaremos brevemente é notável, tendo sido escrupulosamente elaborado.

O campo das Marinhãs tem sofrido importantes obras, sendo já hoje um dos melhores do mundo.

O atentado contra o presidente do ministério?

Continuam incommunicáveis José Gomes, Alvaro Damas e José Alves dos Santos, que ante-ontem foram presos á porta do ministério do Interior por suspeita de estarem planejando um atentado contra o presidente do ministério.

O preso foram durante a noite passada largamente interrogados, continuando a declarar que se achavam no local onde foram presos, por acaso, negando que as armas lhes pertenciam.

Ontem de manhã, á porta do Governo Civil, foi presa Aurora de Jesus, mulher do José Gomes, accusada de estar fazendo a apologia do atentado.

Também ás primeiras horas da manhã, foi preso, encontrando-se rigorosamente incommunicável, Manuel Soares, que é acusado de ter fornecido as armas aos presos.

A Velhice do Padre Eterno

Acaba de aparecer uma nova edição popular ao preço de 7550 encadernada e 4800 brochada, pelo correio registado mais 500.

Pedidos á administração de A. Batalha.

SECCÃO TELEGRAFICA

Federações

METALÚRGICA

Sindicato de Aljustrel.—Acusamos recepção de 87500 para pagamento de expediente e 18550 para os presos por questões sociais. Seguem recibos.

MOBILIÁRIA

Porto.—Delegação Federal.—56 ontem nos foi entregue vossa officio de 5, vamos responder.

A BATALHA

Teatro São Luís

Todas as noites

A peça fantástica

em 3 actos e 16 quadros

O GATO PRETO

Propaganda sindical

Trabalhadores Rurais de Cabeção

CABEÇÃO, 8.—Realizou-se há dias uma sessão de propaganda sindical na sede da Associação dos Trabalhadores Rurais de Cabeção, em que se fez representar a Federação rural.

Aberta a sessão ás 22 horas, Pedro Alexandre, em nome da Associação, dá as boas vindas a Adriano José Neto, em quem saída a Federação Rural pelo desenvolvimento que está dando á organização dos rurais, dizendo-se satisfeito por ver um militante ainda bem novo a abrir o caminho do futuro aos camareiros de trabalho.

Adriano José Neto agradece as saudações dirigidas á Federação rural, congratulando-se por ver uma Associação organizada há 6 meses com maior desenvolvimento do que muitas que existem há anos. Espraisa-se depois em considerações sobre o caminho que devem seguir os rurais na organização, aconselhando-os a reunirem muitas vezes e a desenvolverem-se eles próprios na propaganda necessária ao robustecimento dos sindicatos, sem esperar a intervenção de outrem.

Demonstrando que os operários de outras indústrias adquiriram as 8 horas de trabalho em virtude da sua própria preparação, mostra que os rurais devem também preparar-se para conseguirem a mesma regalia, pois que tem um trabalho muito violento e 8 horas é o suficiente para arruinar quem trabalha.

Se este horário não chega para alimentar os inumeros parasitas que vivem do fruto do trabalho alheio que venham eles arrancar das entranhas da terra o alimento para si. Ao concluir o seu discurso o orador foi muito aplaudido por toda a assembleia.

Pedro Alexandre verbera vigorosamente a atitude despótica do governo encarcerando nas masmorras trabalhadores inocentes e inventando criminosos e bombistas a todo o momento. Quem seria criminoso? O governo do sr. António Maria da Silva ou esses trabalhadores que, em plena democracia, foram algemados para o forte de S. Julião da Barra e deixaram as suas mulheres e filhos na miséria?

O governo julga que os humildes trabalhadores do campo dormem mas engana-se. Quando for necessário, um apelo da C. G. T. será o bastante para que eles acorram a lutar como leões, fazendo saber ao governo quais as suas forças. O sr. António Maria da Silva não deve ter esquecido o tempo em que sendo administrador no Redondo, o povo desta localidade o fez fugir oculto entre palha.

Pedro Alexandre recorda as óptimas impressões que aqui deixaram Manuel Gonçalves Vidal e Antonio Tomás, quando do comício que se realizou em 15 de Julho.

Gonçalves Vidal, delegado da C. G. T. e Antonio Tomás, da Federação Rural, suboraram tam bem cumprir a missão que lhes foi incumbida que os próprios burgueses não tiveram uma palavra de contrariedade, embora tivessem sido por eles convidados a desmentir as suas afirmações.

Recorda depois o orador a visita pastoral do arcebispo de Evora á esta vila, no dia 24 de Maio, e as impressões que esse senhor deixou.

Existe ainda nesta localidade um certo espirito religioso, mas não fanatismo, a não ser por parte de meia dúzia de criaturas antigas ou burguesas, de modo que, mais por curiosidade do que por outra coisa, encheu-se a igreja para ouvir o arcebispo. Este cavalheiro, no primeiro discurso, começou por perguntar «como podia haver a igualdade que para si predica se uns são altos, outros são baixos; uns são ricos, outros pobres; uns doentes outros não... além de outras asneiras idênticas que desagradaram logo aos ouvintes. Depois o reverendíssimo proferiu tanta mentrola que os próprios devotos chegaram a dizer que se ele se demorasse mais tempo acabava com o resto da religião que ainda por aqui existe!

Depois do comício, os religiosos que a ele assistiram deixavam sem rebuço que lhes tinham deixado melhores impressões os delegados operários Gonçalves Vidal e Antonio Tomás, que só haviam dito verdades, do que o arcebispo, que julgava pregar ao ingenuos.

Pedro Alexandre, ao terminar, foi também muito aplaudido.

Acabou a sessão ás 24 horas e, como estivesse presente a maioria dos sócios, resolveu-se nomear em assembleia geral a comissão administrativa, que ficou assim constituída:

Secretário, Pedro Alexandre; 2.º secretário, Manuel Almeida; de Carvalho; tesoureiro, João de Oliveira Panchica; vogais, José Penetra e Antonio Monteiro Mineiro; Suplentes, João André, Vicente Varela Maia, João Braz, Antonio Parrachil e Alfredo Angelino.

TEATRO NACIONAL

Continua a fazer um grandioso sucesso todas as noites

O Cabeça de Turco

A comédia mais hilariante que nesta época se tem representado

Vida Sindical

C. G. T. Comité Confederal

Reuniram ontem com a presença de todos os seus membros, sendo dada posse dos cargos de secretário adjunto e de vogal, respectivamente a Artur Aleixo de Oliveira e a Manuel Gonçalves Vidal, nomeados na reunião do conselho efectuada em 31 do mês findo.

Foi tomado conhecimento de expediente existente, entre o qual um officio da Delegação Confederal de Propaganda do Norte, deliberando-se no sentido de obviar ás dificuldades apontadas no mesmo officio.

Federação dos Trabalhadores Rurais.—Conselho Federal.—Reuniu no domingo passado, estando representados os seguintes sindicatos: Evora, Vila Vicosa, Vila Franca de Xira, Terrem, Fronteira, Mexilhoeira Grande, Pias, Cabeço de Vide, Sousel, Bordaia, Escoural, Panoias, S. Tiago de Cacém, Boa-Fé, Beja, Vila Nova da Baronia, Aliz, Cabeção, Montolito, Machado e Silves. Fez-se a leitura do expediente, sendo tomado em consideração um officio da C. G. T. Foi apreciado o pedido de demissão de tesoureiro da Comissão Administrativa, Francisco José Cascaho, assim como das delegações dos sindicatos que representa no Conselho Federal.

Em virtude de ter deixado de exercer a sua profissão na indústria rural, foi resolvido aceitar o seu pedido de demissão de membro da Comissão Administrativa e notificar-lhe que a demissão de delegado dos sindicatos que representa, só por estes lhe pode ser dada. Em virtude da demissão de Francisco Cascaho e do Marcelino, por se encontrar em Lisboa, o Conselho nomeou Joaquim José Candieira para secretário administrativo e José Filipe Madeira para secretário-adjunto, passando o secretário-adjunto para tesoureiro, devido a assuntos particulares de José F. Madeira, ficando a Comissão Administrativa assim constituída:

Secretário geral, Vital José; adjunto, José Filipe Madeira; administrativo, Joaquim José Candieira; arquivista, António Bilro; tesoureiro, António Tomás. Em seguida foi apreciado o estado pouco desenvolvido de alguns sindicatos na organização rural, devido á pouca actividade sindical, sendo resolvido dar-lhe vitalidade por meio da propaganda — quando houver oportunidade. Foram também tomadas resoluções de carácter particular, as qual serão apreciadas pela organização rural quando o Conselho julgar oportuno. Foi ainda apreciada a permanência dos presos por questões sociais nas casas-matras do forte de S. Julião da Barra, pelo governo de António Maria e seus acólitos, sendo resolvido protestar energicamente contra tamanha arbitrariedade, visto os mesmos se encontrarem sem culpa formada, o que não é próprio de um governo que se diz democrático.

Pessoal da Carris.—Reuniram ontem para apreciar a sua situação económica em face da elevação do custo da vida. Resolveu nomear uma comissão que ficasse composta por Alfredo Pires, José Anjos, Manuel Pinho e Agostinho Ferreira para se avistarem hoje com a companhia. Essa comissão apresentará ás reuniões de aumento de salário que chamamos de 60 1/2, para os que ganham 11 escudos e de 70 1/2, para salários mais baixos.

Descarregadores de Mar e Terra.—A assembleia geral apreciou o contrato que o pessoal da Exploração do Porto de Lisboa pretende fazer com dois indivíduos que se propõem tomar por sua conta todos os serviços de cargas e descargas a effectuar no mesmo porto.

Resolvendo protestar contra tal procedimento, a assembleia aprovou vários alvitre, que serão postos em prática se os delegados encarregados de exporem perante o referido pessoal o sentir da classe forem mal sucedidos.

Manipuladores de sabão.—A assembleia geral apreciou o último movimento contra o aumento do preço do pão, protestando contra o procedimento de certa imprensa que pretendia estabelecer a confusão entre os trabalhadores organizados. Vários oradores foram de opinião que a classe aderisse á C. G. T., o que foi apoiado. Também se deliberou dar todo o apoio moral e material a qualquer movimento que a U. S. O. ou a C. G. T. levem á pratica.

Discutiu-se largamente a carestia da vida em face dos salários que auferem os componentes da indústria e que não vão além de 9500. Foi aprovada uma proposta reclamando dos industriais um aumento de 50 por cento sobre os salários actuais, sendo nomeada uma comissão de cinco membros para se avistarem com os industriais nesse sentido.

Operários alfaiates.—Reuniu a comissão administrativa, que apreciou diverso expediente, aprovou propostas de novos sócios e tratou ainda de outros assuntos de interesse que levará á apreciação da assembleia que se realiza no próximo dia 17.

S. U. da Construção Civil.—Secção dos Pedreiros.—Reuniu a comissão administrativa tratando de diverso expediente e da aprovação de novos sócios.

Devido a diversas informações de que na rua de S. Lazaro se estava construindo uma obra á taipa, esta comissão constata que essas informações eram

TEATRO NACIONAL

Continua a fazer um grandioso sucesso todas as noites

O Cabeça de Turco

A comédia mais hilariante que nesta época se tem representado

Vida Sindical

C. G. T. Comité Confederal

Reuniram ontem com a presença de todos os seus membros, sendo dada posse dos cargos de secretário adjunto e de vogal, respectivamente a Artur Aleixo de Oliveira e a Manuel Gonçalves Vidal, nomeados na reunião do conselho efectuada em 31 do mês findo.

Foi tomado conhecimento de expediente existente, entre o qual um officio da Delegação Confederal de Propaganda do Norte, deliberando-se no sentido de obviar ás dificuldades apontadas no mesmo officio.

Federação dos Trabalhadores Rurais.—Conselho Federal.—Reuniu no domingo passado, estando representados os seguintes sindicatos: Evora, Vila Vicosa, Vila Franca de Xira, Terrem, Fronteira, Mexilhoeira Grande, Pias, Cabeço de Vide, Sousel, Bordaia, Escoural, Panoias, S. Tiago de Cacém, Boa-Fé, Beja, Vila Nova da Baronia, Aliz, Cabeção, Montolito, Machado e Silves. Fez-se a leitura do expediente, sendo tomado em consideração um officio da C. G. T. Foi apreciado o pedido de demissão de tesoureiro da Comissão Administrativa, Francisco José Cascaho, assim como das delegações dos sindicatos que representa no Conselho Federal.

Em virtude de ter deixado de exercer a sua profissão na indústria rural, foi resolvido aceitar o seu pedido de demissão de membro da Comissão Administrativa e notificar-lhe que a demissão de delegado dos sindicatos que representa, só por estes lhe pode ser dada. Em virtude da demissão de Francisco Cascaho e do Marcelino, por se encontrar em Lisboa, o Conselho nomeou Joaquim José Candieira para secretário administrativo e José Filipe Madeira para secretário-adjunto, passando o secretário-adjunto para tesoureiro, devido a assuntos particulares de José F. Madeira, ficando a Comissão Administrativa assim constituída:

Secretário geral, Vital José; adjunto, José Filipe Madeira; administrativo, Joaquim José Candieira; arquivista, António Bilro; tesoureiro, António Tomás. Em seguida foi apreciado o estado pouco desenvolvido de alguns sindicatos na organização rural, devido á pouca actividade sindical, sendo resolvido dar-lhe vitalidade por meio da propaganda — quando houver oportunidade. Foram também tomadas resoluções de carácter particular, as qual serão apreciadas pela organização rural quando o Conselho julgar oportuno. Foi ainda apreciada a permanência dos presos por questões sociais nas casas-matras do forte de S. Julião da Barra, pelo governo de António Maria e seus acólitos, sendo resolvido protestar energicamente contra tamanha arbitrariedade, visto os mesmos se encontrarem sem culpa formada, o que não é próprio de um governo que se diz democrático.

Pessoal da Carris.—Reuniram ontem para apreciar a sua situação económica em face da elevação do custo da vida. Resolveu nomear uma comissão que ficasse composta por Alfredo Pires, José Anjos, Manuel Pinho e Agostinho Ferreira para se avistarem hoje com a companhia. Essa comissão apresentará ás reuniões de aumento de salário que chamamos de 60 1/2, para os que ganham 11 escudos e de 70 1/2, para salários mais baixos.

Descarregadores de Mar e Terra.—A assembleia geral apreciou o contrato que o pessoal da Exploração do Porto de Lisboa pretende fazer com dois indivíduos que se propõem tomar por sua conta todos os serviços de cargas e descargas a effectuar no mesmo porto.

Resolvendo protestar contra tal procedimento, a assembleia aprovou vários alvitre, que serão postos em prática se os delegados encarregados de exporem perante o referido pessoal o sentir da classe forem mal sucedidos.

Manipuladores de sabão.—A assembleia geral apreciou o último movimento contra o aumento do preço do pão, protestando contra o procedimento de certa imprensa que pretendia estabelecer a confusão entre os trabalhadores organizados. Vários oradores foram de opinião que a classe aderisse á C. G. T., o que foi apoiado. Também se deliberou dar todo o apoio moral e material a qualquer movimento que a U. S. O. ou a C. G. T. levem á pratica.

Discutiu-se largamente a carestia da vida em face dos salários que auferem os componentes da indústria e que não vão além de 9500. Foi aprovada uma proposta reclamando dos industriais um aumento de 50 por cento sobre os salários actuais, sendo nomeada uma comissão de cinco membros para se avistarem com os industriais nesse sentido.

Operários alfaiates.—Reuniu a comissão administrativa, que apreciou diverso expediente, aprovou propostas de novos sócios e tratou ainda de outros assuntos de interesse que levará á apreciação da assembleia que se realiza no próximo dia 17.

S. U. da Construção Civil.—Secção dos Pedreiros.—Reuniu a comissão administrativa tratando de diverso expediente e da aprovação de novos sócios.

Devido a diversas informações de que na rua de S. Lazaro se estava construindo uma obra á taipa, esta comissão constata que essas informações eram

TEATRO NACIONAL

Continua a fazer um grandioso sucesso todas as noites

O Cabeça de Turco

A comédia mais hilariante que nesta época se tem representado

Vida Sindical

C. G. T. Comité Confederal

Reuniram ontem com a presença de todos os seus membros, sendo dada posse dos cargos de secretário adjunto e de vogal, respectivamente a Artur Aleixo de Oliveira e a Manuel Gonçalves Vidal, nomeados na reunião do conselho efectuada em 31 do mês findo.

Foi tomado conhecimento de expediente existente, entre o qual um officio da Delegação Confederal de Propaganda do Norte, deliberando-se no sentido de obviar ás dificuldades apontadas no mesmo officio.

Federação dos Trabalhadores Rurais.—Conselho Federal.—Reuniu no domingo passado, estando representados os seguintes sindicatos: Evora, Vila Vicosa, Vila Franca de Xira

AS SUBVENÇÕES

O FUNCIONALISMO PUBLICO

Já por mais de uma vez tentei abrir as colunas de *A Batalha*, aos interesses e defesa do funcionalismo público, como de resto ela se tem aberto para as outras classes proletárias, vítimas indefesas desta negação judiaria que infrene e criminosamente para a campanha, mas, sem que saiba bem porque tais tentativas têm resultado de uma inutilidade tal, que me tem provocado a descrença e até mesmo a desconfiança, na maneira de agir dos homens do progresso, dos pioneiros do futuro, isto, talvez, porque ao contrário de muitos, não suponho o funcionalismo a parte excepções, tam parasita como o burguês ou tam criminoso como o vadio.

E' certo não estar o funcionalismo tam apto para enfrentar a derrocada que a passos agigantados de nós se avizinha, como qualquer das outras classes a que acima me refiro, mas assim mesmo, e porisso mesmo, mais necessário se torna, que lhe proporcionemos os meios para a sua educação e o fortalecimento acompanhando passo a passo a marcha dos seus irmãos de sofrimento e miséria, que embora trabalhadores doutro mister como ele almejam pela hora de libertação.

Argumenta-se e com fundadas razões que os *manjões* de *alpanca* sofrem de doença política e que ela os contaminou de tal sorte, que os obriga a sacrificios, impróprios de homens conscientes a quem se exige pelo menos o exame de instrução primária, mas, todas as enfermidades tem o seu período, agudo, estacionário e declinativo, e aquele de que ele sofre, crônico-lo piamente, está presentemente no seu terceiro período.

As injustiças a que tem sido submetido, tem sido tantas e de tal natureza, nestes longos treze anos de comprovada incompetência governativa, que ele já reconhece que de todo o seu esforço e dedicação pela república, apenas resulta como prática, o enchiço da barriga a quem a própria monarquia de triste memória não cederia a administração dum simples e reles regedor, e, ultimamente, ocasião tem havido para constatar e de sobra a verdade do que afirmo, pois que, o governo, o parlamento ou quem lá foi, um pouco trêmulo com os protestos mais fortes que então se fizeram, teve por bem e depois de mil e um entrave e não sei quantos compassos de espera, conceder-lhe nova subvencão (?), mas subvencão de tal maneira concedida, que deputados houve, que dúvida alguma tiveram em a classificar como a maior burla que o Estado tem feito ao seu funcionalismo.

Burla, que ao mesmo tempo que concedia ao comércio mais um certo pretexto para aumentar o preço já de si bastante elevado dos gêneros de primeira necessidade deixava a maioria dos interessados lutando com a mais negra das misérias e a mais provocadora das situações, e isto, sem que o funcionalismo por deficiência da sua organização sindical, repellesse com coragem e indignação o desafio que lhe lançavam e o osso que lhe atiravam a laia de mordaga.

Julgá-lo os leitores que pretendo negar que eles tenham de se preparar para pagar mais 45.000 contos ao Estado, para que ele possa arcar com os encargos da nova subvencão, mas não! Não é isso, o que eu pretendo é dizer-lhe que essa enorme verba foi apenas para aumentar o luxo daqueles que tem os mais altos ordenados, alguns dos quais receberam importâncias que vão desde mil a seis mil escudos, só duma vezada, pois que aos outros, a aqueles que tem de permanecer oito, dez e mais horas nas repartições, a esses nada lhes deram ou se deram, fizeram-no com quantias que variam entre vinte a quarenta escudos mensais, como fizeram a própria policia, como paga, sem dúvida, da sua bela dedicação pela ordem e pela sua prontidão em nos remeter ao silêncio sempre que para nós e para eles reclamamos um pouco de mais bem estar.

A subvencão referida, foi além duma burla, um repto à paciência evangélica dos mais submissos e aos que acima dos seus interesses e dos interesses da sua própria família, viam a politica e o chefe, a quem deviam obediência, burla e repto, a que se não podesse ainda dar respostas e de, as risadas do governo e a inutilidade das *demarches* a que se tem procedido.

Mas como uma tal monstruosidade não pode nem deve manter, a quasi criminoso indiferença dos mais interessados começa, pouco a pouco despertando, e ora lá não tem de explodir mais rápido do que seria para desajar, apesar de todos os papões inventados e a inventar da famosa e salvadora redução dos quadros. Contam sem dúvida com o silêncio de todos e em parte com razão, pois que além da péssima organização, está ainda por vezes se apresenta a mostrar-se mais péssima do que é, como ainda há pouco sucedeu no momento em que todas as classes se preparavam para uma luta formidável (a greve do pão) em que uma das suas associações, que para o caso não representava a vontade do funcionalismo, visto que para tal não tinha autoridade, veio a público e reso declarar, que este apenas dava ao movimento a adesão moral como se com essa declaração, não viesse um pouco a vitória do governo, da moagem e dos esfo-meadores do povo.

Tem o funcionalismo como todas as outras classes de se preparar para a conquista de todos os poderes do que lhe julga seu patrão o Estado, mas para isso tem que se unir, tem que se sindicalizar e tem sobretudo que escorrar do seu seio, a politica, os politicos e os que a custa do seu silêncio e da sua indiferença, trepam e sobem, mas para tanto, também as outras classes terão que o ajudar.

Paulo EMÍLIO

LISBOA NA RUA

O perigo das armas de fogo
Na sala de observações do hospital de S. José, deu ontem entrada Salvador Ribeiro, de 34 anos, residente no Cabo Espichel, trabalhador, que quando seguia num jumento a arma caadeira de que era portador disparou-se, indo a carga attingi-lo na mão direita.

Atropelamentos
Na enfermaria de Santo Alberto, do hospital de S. José, deu ontem entrada Antonio Loureiro, filho de Antonio Loureiro e de Cecilia de Jesus, de 10 anos, residente na rua do Paraíso, pátio da Cruz 36, 1.ª, que na rua dos Bacalhoados foi atropelado por um camião, ficando ferido na cabeça.

Do comboio à linha
Na enfermaria n.º 7, do hospital de Desterro, deu ontem entrada Manuel Lucas, de 49 anos, *«chauffeur»*, residente na Travessa dos Mestros, 8, 1.ª, que no Entroncamento casu do comboio à linha, ficando ferido na cabeça.

Agressão a tiro
Ontem, cerca das 21 horas, deu entrada no Banco do hospital de S. José, onde chegou sem ferir, um indivíduo que fora ferido com um tiro nas costas, na rua das Pedras Negras, recolhendo à sala de observações depois de pensado.

Por documentos, que lhe foram em contradição, parece tratar-se de Raúl Monteiro, por alcunha o *«Espanhol de Alama»*.

JOVENTUDES SINDICALISTAS

Núcleo de Lisboa—Secção Mista do Beato e Olivais.—Afim de tratar de assuntos de grande importância e que se prendem com a reorganização desta Secção, reúne hoje, às 20 horas, a comissão reorganizadora.

Imprensa

«Noticias de Évora»
Passou mais um aniversário o *«Noticias de Évora»* que editou um interessante número comemorativo.

TEATROS & CINEMAS

Noticias

A Companhia Lucília Simões-Erico Braga representa amanhã, na Granja, a peça *«Uma mulher sem importância»*, em 14, 15 e 16 em Espinho, as peças *«Zazá»*, *«Cassaca encarnada»* e *«Uma mulher sem importância»*, a 17, 18, 19 e 20, em Viseu, as peças *«Zazá»*, *«Uma mulher sem importância»*, *«Cassaca encarnada»* e *«Carta anônima»*, dando, ali, por finda, a sua digressão artística.

No dia 14 ecleusa-se no Avenida a festa artística do actor cómico Antonio Gomes (do Trindade), com a *«reprise»* da revista *«A bichinha gata»*, que se exhibirá completa, fazendo o festejado o *«compère»*.

Recêlames

Hoje, no Nacional é a *«éclica da moda»*, repetindo-se a graciosa e simpática *«O Cabeça de Turco»*. Várias famílias combinarão dar *«rendez-vous»* no elegante teatro, que tem em scena a mais alegre e correcta peça da actualidade.

O público continua recreando-se com as diversas do Avenida Parque. São milhares de pessoas, que todas as noites, ali se reúnem, predominando as senhoras, que tem entrada gratuita no recinto do antigo Parque Mayer.

E' esta noite que se realiza no Maria Vitória a festa artística da interessante actriz-cantora Zulmira Miranda com a revista *«Fado Corridor»*, em que a festejada cantará novas canções e alguns deliciosos fados.

E' de esperar, devido às simpatias de que esta *«divette»* goza que nas duas sessões as casas estejam à cunha.

E' hoje que no teatro Apolo sobre a scena o interessante drama português, original do escritor e general Cascais, intitulado *«A Lei dos Morgados»*, em que a distinta actriz-empresaria Maria Matos interpreta a protagonista, papel feito há muitos anos pela actriz Emilia das Neves.

CARTAZ

NACIONAL — A's 24, 25 — *«O Cabeça de Turco»*.
S. LUIS — A's 24, 25 — *«O Gato Preto»*.
POLITEAMA — A's 24, 25 — *«Fera»*.
APOLO — A's 24, 25 — *«As Pupulas do sr. Rei»*.
AVENIDA — *«Revista de Praxedras»*.
EDEN THEATRO — A's 21 — *«Espectaculo permanente de Variedades»* estrangeiras.
MARIA VITÓRIA — A's 20, 25 e 22, 43 — *«Fado Corridor»*.
GIL VICENTE — A's 21 — *«Floris»*.
CIRCO DA FEIRA (Parque Eduardo VII) — A's 21, 22 e 23 — *«Companhia de circo e Variedades»*.
AVENIDA PARQUE — (Antigo Parque Mayer) — *«Recinto de recreios e diversões»*.
TODAS as noites *«concertos»* e *«festações»*.
SALAO FOZ — A's 21, 23 — *«Animatografo»*.
CHIAO TERRASSE — A's 13 e 22 — *«Animatografo»*.
CONDOS (Avenida) — *«Animatografo»*.
CENTRAL (Avenida) — *«Animatografo»*.
CINE-PARIS (Rua Ferreira Borges) — *«Animatografo»*.
IDEAL (Largo) — *«Animatografo»*.
ROSSIO (Arco Bandeira) — *«Animatografo»*.
CHATELIER (Avenida) — *«Animatografo»*.
PROMOTORA (ao Calvario) — *«Animatografo»*.
EDEN-CINEMA (Alcalázar) — *«Animatografo»*.

Pedras para isqueiros

Metal Auer, assim como rodas, ócas e maciças, tubos, molas, chaminés de 2 e 3 peças, tampões. Vendem-se no Largo do Conde Barão, n.º 55.

Dirigir pedidos a Francisco Pereira Lata. (E' a casa que fornece em melhores condições).

As reclamações do funcionalismo

O ministro das finanças recebeu ontem a comissão delegada dos chefes de secção, presidida pelo sr. João de Deus Guimarães, que lhe foi pedir para ser cumprida a lei respeitante à sua equiparação e vencimentos. O sr. Velhinho Correa disse que se via embaraçado para resolver a questão, pois que até tencionava propor uma redução nos vencimentos dos funcionários públicos superiores a 600.000, mas que era de tanta justiça o que lhe representava a comissão, que antes de propor essa redução que julgava indispensável, fariam cumprir a lei, fazendo desaparecer não só essa falta que dizia respeito aos chefes de secções, mas ainda a outras categorias de funcionários com os quais se davam verdadeiras anomalias.

Os oficiais de justiça da comarca de Abrantes representaram ao ministro da Justiça, pedindo que seja alterado o sistema de distribuição da receita do cofre de emolumentos judiciais.

Sem assistência médica

Na Morgue deu ontem entrada José dos Reis, de 62 anos, residente em Setúbal, que a bordo da canoa *«Santa Rita»* faleceu sem assistência médica.

A BATALHA

A QUESTÃO DO INQUILINATO

Um novo decreto regulando algumas disposições da lei actualmente em vigor

Após, tantos anúncios e tantas delongas, saiu finalmente no *«Diário do Governo»* o decreto regulando algumas disposições da lei do inquilinato actualmente em vigor. Antecedem o decreto alguns considerandos sobre abusos de inquilinos e senhores.

O decreto é do seguinte teor:

Não se consideram nulos por falta de formalidades legais os contratos de arrendamento que, embora celebrados antes da entrada em vigor do decreto com força de lei n.º 5411, de 17 de Abril de 1919, hajam sido renovados na vigência do mesmo decreto e satisficam as formalidades nele prescritas.

Consideram-se títulos autenticados os títulos particulares de arrendamento autenticamente reconhecidos nos precisos termos do § único do artigo 2436.º do Código Civil.

Se na citação para a acção de despejo não intervier pessoalmente o citando, por estar ausente do seu domicilio, far-se-á também a citação por editos de quinze dias publicados no *«Diário do Governo»*, e, quando o haja, num dos periódicos mais lidos da localidade.

Se, decretado o despejo, o processo vier a ser anulado ou a acção julgada improcedente, poderá o arrendatário, por simples despacho do juiz, recuperar a casa arrendada, em consequência de mandado que produzirá efeitos contra quem estiver occupando o prédio, nos mesmos termos e com as mesmas formalidades determinadas para o despejo.

Quando se haja intentado acção de despejo, nos termos do artigo 92.º do decreto n.º 5411, de 17 de Abril de 1919 e o despejo tenha sido ordenado, poderá o inquilino fazê-lo sustar mediante a simples exhibição judicial do seu título de arrendamento e recibo por onde se mostrem estarem as rendas pagas em dia, nos termos do artigo 37.º do decreto n.º 5411, ou documento do respectivo depósito feito nos termos legais, documentos que o juiz mandará sem demora vir nos autos, deferindo ao requerido, se pelo confronto entre o título de arrendamento e o que tiver servido de base ao despejo verificar que o requerente é pessoa diversa do real inquilino.

Se o despejo tiver sido efectuado, será o inquilino restituído ao uso e fruição do prédio arrendado, quando assim o requerir, dentro do prazo de sessenta dias, a contar da data do despejo e instrua o seu requerimento com os documentos a que se refere este artigo.

Para a restituição a que se alude no parágrafo anterior, passar-se-á mandado que produzirá efeitos identicos aos indicados no artigo antecedente.

A apósição dos escritos constatarela pelo auto a que se refere o § 2.º do artigo 79.º do decreto n.º 5411 deixará de ter os efeitos consignados no § 3.º do mesmo artigo, desde que o inquilino faça a prova de terem sido postos os escritos sem seu conhecimento nem conhecimento das pessoas de família que habitualmente com ele residem no prédio arrendado.

Estando requerido o despejo, será o respectivo processo leito pelo inquilino aquela prova, antes, durante ou após o despejo efectuado, ficando este sem efeito, e restituído à sua posse o inquilino, se for judicialmente provido como prova a sua alegação, a actuar em separado, quando nenhum processo houver ainda em juizo para o aludido despejo.

Em qualquer hipótese, e havendo lugar às provas da falsidade, será para esse efeito dada participação do facto ao Ministério Público.

E' permitido aos proprietários dos prédios urbanos elevar as respectivas rendas, quanto a cada arrendatário, nos termos seguintes:

1.º Se os prédios estiverem inscritos na matriz predial, anteriormente a 21 de Novembro de 1914;

a) Se o prédio ou parte do prédio estiver servindo de habitação, até à quantia que represente o produto do rendimento ilíquido, constante da matriz predial naquela data, pelo coeficiente de 2,5;

b) Se o prédio ou parte do prédio estiver servindo a estabelecimento ou estabelecimentos comerciais ou industriais, ou dependências destes, até à quantia que represente o produto do rendimento ilíquido, constante da matriz predial naquela data, pelo coeficiente de 3,5.

2.º Se os prédios estiverem inscritos na matriz predial depois de 21 de

Novembro de 1914 até 17 de Abril de 1919:

a) Se o prédio ou parte do prédio estiver servindo de habitação, até à quantia que represente o produto do rendimento ilíquido constante da matriz predial a data em que nela foi inscrito o prédio, pelo coeficiente 1,5;

b) Se o prédio ou parte do prédio estiver servindo de estabelecimento comercial ou industrial ou dependências destes até à quantia que represente o produto ilíquido constante da matriz predial na data da inscrição, pelo coeficiente 2.

§ Único. As quantias expressas em aludidos artigos 106.º e 108.º do decreto n.º 5411, de 17 de Abril de 1919, reputam-se também, para os efeitos desses artigos, multiplicados pelos coeficientes fixados neste artigo.

Art. 8.º Os aumentos a que se refere o artigo anterior ficam fazendo parte integrante das rendas, devem constar dos respectivos recibos e são permitidos qualquer que seja o inquilino, a natureza do contracto e a sua duração.

§ Único. O facto de não constar de um recibo de pagamento de renda o aumento que ao senhorio é permitido exigir do inquilino, implica a presunção, que não admite, prova em contrario, de não ter ainda o senhorio usado da faculdade que lhe é conferida pelo artigo 7.º quanto à renda a que tal recibo disser respeito.

Art. 9.º E' motivo para despejo a falta de acção, após a entrada em vigor deste decreto, dos aumentos de renda estabelecidos no artigo 7.º.

§ Único. A impugnação na acção requerida, com o fundamento a que se refere este artigo, suspenderá o despejo.

Ficam mobilizados, no que respeita a aumento de rendas, nos termos do artigo 7.º, os artigos 106.º, 107.º, 108.º e 115.º do decreto n.º 5411, de 17 de Abril de 1919.

Pedras para isqueiros

Legítimo metal Auer única privilegiada e acreditada universalmente por ser a que faz melhor faísca e que tem maior duração.

Dízia 50 centavos (custado com as imitações).

Venda aos centos e aos milhares, assim como isqueiros, rodas, tubos, molas e tampões, nos melhores preços para revenda.

Pedras a:

CARLOS A. SANTOS

Depósito: Rua do Arsenal, 80 — LISBOA

Alfaiates. — E. Fontes — Seguiram hoje, novos recibos.

Faro. — *«Madre»* — Seguiu nova remessa de selos para o U. S. O.

Alvalade. — *«Agente»* — Recebemos liquidação. Aumentamos a remessa.

Ourique. — *«J. N. Valente»* — Segue carta e livro pedido.

Conceição. — *«N. Carapinha»* — Segue o jornal. Vamos mandar novamente o recibo à cobrança.

Montemor-o-Novo. — *«J. S. Faria»* — Seguiram os selos pedidos.

Beja. — *«M. J. Gonçalves»* — Os livros pedidos importam em 33900.

Cezimbra. — *«C. R.»* — Recebemos liquidação de Agosto.

Olhão. — *«Agente»* — Seguiu factura de livros.

Reims-França. — *«A. Castro»* — Seguiu hoje a vossa encomenda.

Pôrto. — *«A. Comuna»* — Esperamos envio de 200 exemplares das 12 provas.

Faro. — *«J. B.»* — Vale recebido. Escreve carta.

Sabãoia. — *«F. L. R.»* — Recebemos liquidação de Agosto. Aumentamos a remessa.

Monchique. — *«A. R. Valério»* — Recebemos liquidação.

Coluna esperantista

Lisboa Verda Stelo. — Realiza-se no próximo domingo o passeio de confraternização esperantista promovido por esta colectividade. A partida é da estação do Rossio às 6 horas.

— Continua aberta a inscrição de alunos para o novo curso elementar de esperantista que funciona às 4.ª e 6.ª, das 21 às 23 horas.

A BATALHA

CEZIMBRA

9 DE SETEMBRO

Ainda o caso da agressão

Esta terra parece ficar situada no sério africano, não sendo rebelde, porém, mas sim pacifica e hospitaleira como o podem testemunhar todos os seus visitantes.

Esta linda praia, cheia de encanto, tem a guarda-las praias da guarda fiscal, que até a data tem andado armada e equipada com sacos de rede, esperando que os marítimos os encham de peixe. Pouca sorte teve o guarda 156, a quem foi tirada essa regalia, e ao ver-se prejudicado, feriu o marítimo Augusto Pinto por este se ter enganado e não ser franco na ocasião.

Se o marítimo falta-se ao pagamento, talvez o guarda tivesse razão, mas para proceder doutra forma. No entanto, vendendo o peixe por 4000 e dizer que o fez por 7500, prontificando-se a pagar segundo esta quantia, e ser agredido pelo guarda, não é humano.

Apesar disso, o comandante não procedeu, o que não se daria se fosse ao contrário.

Agora o guarda anda de espingarda às costas, que deve ser mais pesada e o saca com o qual sugava o suor alheio.

COVA DA PIEDADE

10 DE SETEMBRO

Arbitrariedades da policia

Na sapataria pertencente a Manuel Carteiro foram roubados cabedais e certa quantidade de pares de botas.

A policia cá do burgo, juntamente com alguns reaccionários, — entre os quais Alberto Camões, em casa de quem se dão informações sobre qualquer operário que não lhes caia em graça — depois de farejarem a seu modo, prenderam dois operários honestos: Alberto Pedrosa e José de Abílio.

Foram conduzidos para a cadeia de Almada, fecharam-os num quarto e espantaram-os barbaramente. Depois de interrogados, apurou-se que estavam inocentes e foram restituídos a liberdade.

O cabo da policia disse então que nada contassem do que se passou!

Quando acabarem estes processos selvagens de tratar homens? E' revoltante este procedimento das autoridades, e se alguém lhes paga na mesma moeda chamam os piores nomes a quem tem a coragem de se defrontar desses canibais.

ALDEGALEGA

10 DE SETEMBRO

Agressão misteriosa

Por um grupo de indivíduos, foi agredido o operário Francisco Costa, secretário geral da Associação de Classe dos Corticeiros.

Os agressores, que são desconhecidos, no momento da proeza gritavam: *«Mata, que é sindicalista!»*

A que obediência esta misteriosa agressão?

A roubalheira dos padeiros

Os padeiros aqui estão vendendo o pão a 1880 cada quilo, devendo notar-se que este quilo não tem mais que 650 gramas!

Não pode admitir-se esta roubalheira de 350 gramas, e as autoridades competentes meter na ordem os ladrões, já que os trabalhadores são perseguidos quando protestam contra estas infâmias.

Falta de higiene

As ruas desta vila são uma vergonha no que respeita a limpeza. A câmara municipal deve providenciar no sentido de haver um pouco mais de higiene.

Mais humanidade!

Aos presos da cadeia desta vila está sendo fornecida comida de má qualidade. Não tem estelas aonde se deitem e com a aproximação do inverno tem que dormir sobre o asfalto do prisão.

A quem de direito se reclamam providências, afim de haver um pouco mais de humanidade para com os presos.

A Batalha

Porque será que o vendedor de jornais António Ernesto não apregoa *«A Batalha»*? Terá nisso conveniência ou também haverá dedo misterioso?

PORTIMÃO

9 DE SETEMBRO

A fúria de roubar

Nesta localidade roubou-se escandalosamente. O pão vende-se a 1880 cada quilo, mas um quilo falsificado, tanto mais que os padeiros não usam balança. O povo reclama, e as autoridades não se incomodam, apesar de sabermos da

exploração, parecendo até que gostam que os padeiros roubem. E' se um dia o povo de Portimão deliberasse ir a padarias buscar o pão que lhe faz falta, as autoridades também guardariam quedas como agora em que o povo é roubado no preço e no peso?

Crêmos que não, porque é necessário deslendar os exploradores.

Mas não é só no pão que se verificam as roubalheiras de comerciantes. Existem aqui daseles lóforos de 5 centavos a caixa. Pois há quem as venda a \$15, \$20 e \$25. As autoridades sabem, mas não querem molestar os negociantes, e demais parece que também negociam.

A carne nos talhos pode estar podre, mas o consumidor não tem o direito de se queixar, se não é insultado e até preso.

E dizem que o povo não é humilde, que anda sempre a censurar os poderes e as autoridades que os consentem! Quem é que não se há de revoltar contra este estado de coisas? De facto o povo dorme e vai consentindo que o roubem. Mas quando ásperamente critica o procedimento dos comerciantes, estes dizem que o povo nada tem com a sua vida e, para acalmar possíveis agitações, tem um processo bizzarro:

Organizam grandes desfiles de futebol, deitam foguetes e morteiros, põem a filarmónica a tocar pelas ruas e levam assim o povo ignorante para o campo de jogos, onde as entradas são guardadas pela guarda republicana para ninguém entrar sem pagar os 2300.

E' desta forma conseguem mais uma vez roubar o povo que se deixa ir nos cantos de sercia dos seus eternos exploradores!... — C.

MALAS POSTAIS

São hoje expeditas malas postais, pelo vapor *«Meduana»*, para Dakar, Guiné, Pernambuco, Pará, Manaus, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Montevideo e Buenos Aires, e pelo *«Oriona»*, para o Rio de Janeiro, Santos, Montevideo e Buenos Aires, sendo às 7 horas a última tiragem da correspondência da caixa geral para ambos.

O preço do pão

Em Bucelas o povo revolta-se contra o seu aumento.

No dia 4 do corrente, na vila de Bucelas, concelho de Loures, os padeiros aumentaram o preço do pão de 1870 para 1880 o quilo.

O povo daquela vila não recebeu de bom grado tal aumento, e assim, logo de manhã, tocaram os sinos a rebater, sendo abandonado o trabalho por toda a gente, incluindo os trabalhadores de campo, oficinas, armazéns de vinhos, etc.

Houve uma grande reunião ao ar livre, resolvendo o povo não deixar comprar mais pão a preço nem consentido também que alguém o comprasse.

Perante uma demonstração desta ordem, o administrador do concelho enviou para Bucelas uma força da guarda republicana, que nada fez de viridade da atitude ordeira mas alivia do povo dali.

O administrador do concelho foi também a Bucelas apreciar o estado da situação, mas como reconheceu que o povo estava deveras excitado, teve uma conferência com os padeiros, do que resultou estes baixarem o preço do pão para 1850.

O povo, embora não ficasse ainda satisfeito com a transigência dos padeiros, deliberou retomar o trabalho, dando o movimento por terminado no dia 7.

Um caso triste

A comiserção de algumas pessoas consagrar evitar o enterramento de um reles na vala comum.

Abel Ribeiro de Almeida, da secção de Belém da construção civil, e outras pessoas que acompanharam um funeral ao cemitério de Ajuda ficaram profundamente impressionados, quando sobreberam que um recluso que falecera no forte de Monsanto ia a enterrar na vala comum.

Tirando uma subscrição entre si, conseguiram arranjar o dinheiro necessário para pagar a licença do enterramento, em coval separado, do desventurado morto, de quem se conseguiu apenas saber que se chamava Alfredo Gonçalves Romão, e era natural da Galiza e tinha uns 40 anos.

Na presunção de que haja em Lisboa família do Romão ou que alguém conheça a sua morte para a terra da sua naturalidade, aqui ficam estes informes. O número da campa é 7.174.

COMO SE MORRE

DE EMILE ZOLA

Na egreja durou a cerimónia perto de duas horas. Todo o clero está em movimento; desde pela manhã que não se vêem senão padres azafamados correrem de sobrepelizes, a darem ordens, enxugando a testa e assoando-se com lenços estrepitosos. Ao centro da nave armada em luto flameja uma peça. O cortejo formou enfim, mulheres à esquerda, homens à direita; e os órgãos fazem ressoar as suas lamentações; os cantores gemem surdamente, os monjes do coro tem soluços agudos; e no entretanto erguem-se nos tocheiros altas chamas azulaças, que reúnem o seu palor funéreo à pompa da cerimónia.

— Faure não deve cantar? pergunta um deputado ao visinho.

— Creio que sim, responde esse, um ex-prefeito, homem elegante que sorri de longe às damas.

E quando a voz do cantor se eleva na gelida noite:

— Hei-não que método que amplidão redargue ele a meia voz, balançando a cabeça de entusiasmo.

Todo o auditório está seduzido. As damadas, com um vago sorriso nos lábios, pensam nas suas noites da *«Opera»*. Aquelle Faure tem deveras talento! Um amigo do finado até chega a dizer:

— Jamais cantou melhor!... E' pena que esse pobre Vertueuil não possa ouvi-lo, ele, que tanto o apreciava!

Os cantores, de capas pretas, passeiam à roda da peça. Os padres, em número de uns vinte, complicam o ceremonial, fazem cortezias, repetem frases latinas, agitam os hyssopes. Os próprios assistentes desfiliam enfim por diante do caixão, os hyssopes circulam. E saem, depois de apertarem as mãos à família. Lá fora, o sol a pino cega a todos.

E' um belo dia de Junho, No tépido ambiente esboçam ligeiros fios. O tumulto estivo escapa-se de repente:

egreja no acanhado largo. O cortejo custa a organizar-se. Aqueles que não querem ir mais longe, desaparecem. Os penachos do coche já se agitam e perdem a duzentos metros de distância, no fim da rua, e o largo ainda está coberto de carruagens. Ouve-se o bater das portinholas e o trote rápido dos cavalos na calçada. Não obstante, os cocheiros formam na fila, o préstio caminha para o cemitério.

Dentro dos trens está-se à vontade, pode-se imaginar que vão lentamente até ao Bosque, ao centro de Paris primaveral. Como já não se vê o feretro, depressa olvidam o entéro; e travam-se conversações, as damas falam do verão, os homens conversam dos seus negócios.

— Diga-me cá, minha querida, sempre vai este ano para Dieppe?

— Sim, talvez. Mas nunca será antes de Agosto... Perdidos no sábado para a nossa propriedade do Loire.

— Com que então, meu caro; ele apañou a carta e bateram-se.

— Oh! muito decentemente; houve uma simples arranhadura... A' noite jantei com ele no círculo. Até me ganhou vinte e cinco luzides.

— A refinição dos accionistas é para depois de amanhã, não? Querem nomear-me para a comissão. Tenho tanto que fazer, que não sei se poderei.

Havia um instante que o cortejo caminha por uma avenida. Coe das árvores fresca sombra, e as alegrias do sol cantam nas verduras. Uma dama estovada, que se debruça na portinhola, deixa escapar de repente:

— Olhem! como isto por aqui é lindão! Entrava justamente o entéro no cemitério Montparnasse. As vozes clamam-se, só se ouve o atrito das rodas na areia das ruas. E' preciso ir até ao fim, o jazigo dos Vertueuil fica ao fundo, à esquerda; um grande túmulo de mármore branco, espécie de capela, muito ornada de esculturas. Depõem o caixão diante da porta dessa capela e principiam os discursos.

Há quatro. O ex-ministro descreve a vida politica do finado, que apresenta como um talento modesto, que teria salvo a França se não houvesse desprezado a intriga. Em seguida, fala um amigo das virtudes privadas daquele que toda a gente chorou. Depois toma a palavra um sujeito desconhecido, como delegado de uma sociedade industrial, de que o conde de Vertueuil era presidente honorário. Enfim, um homem baixo e trigueiro expressa o desgosto da Academia das sciencias morais e politicas.

— No entretanto interessam-se os assistentes pelos títulos próximos, lêem as inscrições sobre folhas de mármore. Alguns escutam apenas as palavras. Um velhote, de lábios franzidos, depois de haver apañado estas poucas frases: *«... as qualidades de coração, a generosidade e benevolência dos grandes caracteres...»* agita a barba, murmurando:

— Ah! sim, bem o conheci; era um bom cão!

Evola-se no ar a derradeira despedida. Quando os padres acabaram de benzer o cortejo, todos se retiram, e

naquele canto afastado só ficam os cocheiros, que descem o caixão. As cordas fazem um ruído seco, o caixão de carvalho estala. O sr. conde de Vertueuil está em sua casa.

E a condessa não se tem tirado da poltrona. Continua a brincar com a borla do cinto, de olhos no tecto, perdido num devaneio que pouco a pouco lhe atofueia as faces da formosa loira.

A sr.ª Guérard é viúva. O marido, que tinha perdido havia mais de oito anos, era magistrado. Pertence à alta burguesia e possui de dois milhões. Tem três filhos, três rapazes, que, por morte do pai, herdaram cada um quinhentos mil francos. Mas naquela família seve, ra, indiferente e guindada, cresceram os rapazes como plantas selvagens, com apetites e voracidades que ninguém sabia donde vinham. Comeram em poucos anos os seus quinhentos mil francos. Carlos, o mais velho, apaixonara-se pela mecânica e gastara um dinheiro louco em invenções extraordinárias. O segundo, Jorge, deixara-se devorar pelas mulheres. O terceiro, Mauricio, tinha sido roubado por um amigo, com quem empreendera construir um teatro. Os três rapazes estão hoje a cargo da mãe, que se presta de boa vontade a dar-lhes cama e mesa, mas que traz consigo, por prudência, as chaves dos armários.

Toda esta gente habita um vasto prédio da rua de Turenne, no Marais, e a sr.ª Guérard tem sessenta e oito

anos. Com a idade vieram-lhe as manias. Exige em casa uma tranquilidade e limpeza de clausura; é someteiga, conta os torções de agulha, rola pelas suas próprias mãos as garrafas encostadas, dá panos e louça conforme as necessidades do serviço. Os filhos amam-na muito, sem dúvida, e ela tem conservado sobre todos, apesar dos seus trinta anos e das suas asneiras, uma auto-riedade absoluta. Mas quando se vê sózinha no meio daqueles três grandes diabos, sente inquietudes íntimas, receia sempre pedidos de dinheiro, que não saberia como repeli. Por isso aterra o cuidado de empregar os seus haveres em bens de raiz; possui três prédios em Paris e terrenos para os lados de Vincennes. Estas propriedades causam-lhe os maiores desgostos; mas está descançada porque acha nelas desculpa para não dar de uma vez grossas quantias.

Carlos, Jorge e Mauricio exploram porém a casa o mais que podem. Acampanam ali, disputando-se os bocados, censurando-se mutuamente pela sua grande fome. A morte da mãe há de enriquecê-los de novo; bem o sabem, e parece-lhes ser esse suficiente pretexto para esperar, não fazendo coisa alguma. A sua continua preocupação, posto que nunca a exprimam, é saber como se efectuarão as partilhas; se não se harmonisarem, será necessário vender, o que sempre é operação ruinosa. E pensam nestas coisas sem nenhum desejo mau, unicamente pela necessidade de prever tudo. São alegres, bons rapazes, de uma honestidade

mediana; desejam, como toda a gente, que sua mãe viva o mais tempo possível. Ela não os incomoda. Esperam, e nada mais.

Uma tarde, quando se levantavam da mesa, sentira-se a sr.ª Guérard indisposta. Os filhos obrigaram-na a deitar-se e deixam-na com a criada, até que ela lhes afiança que está melhor, que apenas tem uma forte enxaqueca. Mas, no outro dia, piorara o estado de idosa senhora, e o médico da família, inquieto, pede uma conferência. A dama Guérard acha-se em grande perigo, finitão, por espaço de oito dias, representa-se um drama à roda do leito da moribunda.

Do que ela primeiro cuidara, quando se viu uehada

